

Os mitos africanos na experiência de um Griot: a utilização da mitologia Iorubana na prática educacional

African myths in the experience of a Griot: the use of Yoruban mythology in educational practice

Keydson Emanuel Garcia Costa

Instituição

Belém/PA-Brasil

Resumo

A proposta deste artigo é apresentar de que forma é possível trabalhar uma autobiografia, uma breve leitura sobre si, de como um indivíduo oriundo das classes populares, a partir de uma formação cristã neopentecostal, ao entrar na universidade (UEPA), no curso de Ciências da Religião, transforma seu olhar sobre as religiões de matriz africana; e a partir da sua prática de contador de histórias, passa a utilizar os mitos presentes no candomblé Ketu como recurso didático para orientar uma educação antirracista, refletindo conceitos como identidade, ancestralidade e memória a partir das potencialidades presentes nos textos recolhidos na obra “Lendas africanas dos Orixás” de Pierre Verger. Este texto, assim, apresenta uma proposta que está sendo construída como dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião (PPGCR-UEPA) e que, também, em parte, foi apresentada na Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR) e publicada nos anais do evento.

Palavras chave: Mito; Identidade; Autobiografia; Matriz Africana; Racismo.

Abstract

The purpose of this article is to present how it is possible to work an autobiography, a brief reading about one's self. It is about how an individual from the lower classes, from a neo-Pentecostal Christian formation, upon entering the university (UEPA), in the Sciences of Religion undergraduate course, transforms his view on African-based religions. From his storytelling practice, he starts to use the myths present in Candomblé Ketu as a didactic resource to guide an anti-racist education, reflecting concepts such as identity, ancestry and memory from the potentialities present in the texts collected in the work "Lendas Africanas dos Orixás" by Pierre Verger. This text, therefore, presents a proposal that is being built as a master's thesis of the Postgraduate Program in Sciences of Religion (PPGCR-UEPA) and which was also partly presented at the Brazilian Association of History of Religions (ABHR) and published in the annals of the event.

Keywords: Myth; Identity; Autobiography; African Matrix; Racism.

Um breve histórico pessoal

Desde a graduação, uma nova forma de ver e interpretar a realidade veio se desenhando no horizonte da minha vida, a graduação foi então o início de um novo ciclo que deu partida para vários inícios em minha jornada existencial. Esses inícios começaram, então, dentro da construção do meu olhar acadêmico, onde se formam os primeiros sentidos científicos em tudo aquilo que ultrapassa o ritual de iniciação que faz com que um indivíduo passe a crer que é responsável pelo que diz e pensa sobre a realidade, refletindo sua percepção de mundo e que, por ingressar no espaço acadêmico, tem agora que responder aos anseios sociais, dar resposta à sociedade pela oportunidade de estar em um ambiente ainda “tido para privilegiados”; haja vista que, só uma pequena parcela da nossa sociedade consegue acessar o ensino superior, somente cerca de 18% da população teve acesso ao ensino superior no ano de 2020 (MEC, 2020).

Consideremos uma pessoa que ingressa na universidade e possui uma maneira de ver e interpretar o mundo. Um rapaz de apenas 17 anos, com uma formação cristã profunda, instruída por uma instituição Protestante pentecostal, dentro de uma realidade socioeconômica de vulnerabilidade e poucos recursos, criado por uma família de imigrantes nordestinos oriundos dos estados da Bahia e do Maranhão. Esse era, como até hoje o é, um cenário muito comum que define os jovens de periferia, não só da região metropolitana da capital paraense, mas, também, das periferias pelo país a fora. Um jovem que, ainda sem entender direito como havia passado pelas provas de proficiência que identificavam, ou pelo menos, fazem parecer isso, os aptos a ingressar na universidade.

De tal maneira, ao ingressar na universidade, para minha própria surpresa consegui esse feito, algo realizado completamente “às cegas”, sem orientações das pessoas próximas, tendo em vista que nenhum havia vivido essa experiência, e o pouco que sabiam era de ouvir falar de outras pessoas que conheciam pessoas que, na linguagem popular, “faziam uma universidade”. Realidade essa, assim, mediada pelo medo de negar a única verdade tida como superior e inquestionável, orientadora de tudo por ali: a fé cristã. Uma fé regida por uma trajetória de trabalhos na igreja para garantir a certeza de uma vida digna na terra, pelo menos moralmente reconhecida, e uma vida de salvação no céu, promessa direcionada pela maneira de ver e interpretar o texto bíblico, pela fé no Deus cristão.

Desse modo, esse jovem, superando as expectativas de muitos e as dele mesmo, conseguiu ser avaliado positivamente e garantiu uma vaga no ensino superior, dentro de uma universidade pública, Universidade do Estado do Pará (UEPA), num curso, Ciências

da Religião, que, na cabeça dele, seria um ambiente para reforçar sua fé e suas verdades aprendidas ao longo de sua trajetória de vida. Porém, como a realidade é dinâmica e os diversos eventos vivenciados geram aprendizados novos no decorrer do tempo, ele teve o prazer e a oportunidade de, ao cursar a graduação, modificar seu olhar, reconhecendo a pluriversalidade presente na qual todos estamos inseridos, principalmente, no que se refere ao campo religioso e às diversas cosmovisões orientadoras das diversas manifestações religiosas presentes no mundo.

Uma nova perspectiva profissional

Diante do exposto, minha proposta de trabalho é entender como a formação de um jovem de periferia, com princípios instituídos a partir da fé cristã pentecostal, começa a ver o mundo fundamentado em um olhar acadêmico que vai se refletir em sua prática de contador de histórias. Prática essa, também, aprendida durante a graduação, ao participar de um projeto de extensão orientado pela Professora Dra. Renilda Bastos. Assim, ao final de minha trajetória acadêmica inicial, concluí esse ciclo com um trabalho que propõe à prática docente recorrer aos mitos africanos dos povos Iorubás, como recurso didático para aplicabilidade da Lei 10.639/03 dentro da sala de aula.

Desse modo, o presente trabalho tem como intenção apresentar a caminhada de um indivíduo que se inicia em um modelo social comum ao jovem brasileiro de periferia, membro de igreja pentecostal, sua formação acadêmica o aproxima de um saber presente nos mitos vivenciados dentro da tradição oral dos praticantes do candomblé Ketu no Brasil. Esses mitos passam a orientar sua prática profissional, como também, suas ações como contador de histórias, o que, para além de sua formação acadêmica, esse aprendizado molda seu modo de viver e atuar cultural, social e politicamente. Esse indivíduo, então, passa a utilizar os conhecimentos adquiridos, em sua prática docente e de contador, para desconstrução do racismo social e religioso presente nas estruturas da sociedade brasileira.

A partir de minha formação, passei a atuar como educador da rede estadual de ensino dentro da disciplina de Ensino Religioso. Tenho enfrentado muitos desafios na aplicabilidade de conteúdos ligados às religiões de matriz africana, assim, passei a aplicar minha metodologia da utilização dos mitos Iorubanos para tentar enfrentar as dificuldades encontradas diante de um público que promove a segregação religiosa e, consecutivamente, racial, pois suas resistências aconteciam predominantemente frente às mitologias e saberes oriundos dos negros brasileiros. Minhas contações de histórias, o acesso à cosmogonia e às orientações sobre mundo presente nos mitos foram tornando

mais lúdicas e interessantes as minhas aulas, o que facilitava a desconstrução do olhar racista sobre a ideia de sagrado presente nos cultos afro.

No ano de 2016, comecei a sair do meu espaço de sala de aula e a levar minha metodologia a espaços de formação, até outros profissionais e pessoas que encontravam muita dificuldade em trabalhar conteúdos que valorizam a ancestralidade africana do povo brasileiro. Sendo assim, reitero, é sobre minha história pessoal e profissional que pretendo discorrer neste artigo, mostrando algumas perspectivas construídas durante minha trajetória, ao trabalhar dentro da área educacional, o universo simbólico das religiões de matriz africana, versando a transversalidade que lhe cabe, bem como levando em consideração os múltiplos saberes que compreendem o entendimento a respeito do tema.

Proposta de educação antirracista a partir das Ciências da religião através dos mitos dos orixás

Todo educador brasileiro tem por obrigação orientar seus alunos para uma compreensão de mundo que conduza seu olhar à pluralidade e à diversidade cultural e, portanto, religiosa presente em nossa sociedade, fruto de construção étnica tão diversa, miscigenada, louvada por diversos teóricos nacionais, difundida dentro e fora do país (FREIRE, 2006, p.22). O direcionamento é claro, o desafio, porém, para muitos, é fazê-lo. Afinal, muitos profissionais da educação e de outras áreas não sabem como acessar esses conteúdos capazes de dialogar com nossa diversidade, principalmente, no que diz respeito à tão estigmatizada e demonizada herança cultural, oriunda da religiosidade negra nacional.

O desafio para muitos está em estabelecer quais conteúdos dialogam de fato com as referências étnicas nacionais. Encontrei dúvidas muito comuns ao longo do meu trabalho, a exemplo: esse conteúdo está adequado às suas referências étnicas? Depois de reconhecer seu valor, como trabalhá-los? O que esses saberes comunicam ao meu entendimento e para o meu público? Posso acessá-los sem violar o direito do outro? Eu, como pessoa branca ou não religiosa dessa fé, posso tratar desses conteúdos? Ao abordá-los de acordo com a referência negra, quais potencialidades educacionais e intelectuais eu posso acessar? Falar da religiosidade construída pelos negros brasileiros não aumenta o racismo entre as pessoas?

São muitas as dúvidas encontradas dentro da nossa sociedade, mas é entre os educadores que essa discrepância entre a formação e a falta de enfoque nas referências negras se faz mais grave, haja vista que isso é cobrado na prática docente, no que tange à habilidade de apresentar perspectivas para os alunos sobre multiplicidade de

origens étnicas que formam nossa nação. Diante desse quadro de indagações diversas, das quais eu apresento uma pequena amostra, fui levado a conciliar a minha prática de educador, aquele que aplica conteúdos e responde ao projeto educacional presente no documento curricular do estado do Pará, como orientado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC- 2017), com a minha prática de contador de histórias, desenvolvida no grupo Griot⁵, na busca por construir, entre meus alunos, olhares menos direcionados pelo medo, fruto da demonização cristã, sobre as religiões afrodescendentes.

Posso, então, afirmar que é possível um indivíduo de origem judaico-cristã, construída dentro de uma igreja protestante brasileira, que passou pela academia e se entende como contador de histórias, promover ações que facilitam uma leitura de mundo menos favorável ao racismo, de modo particular, o racismo religioso presente no seio da sociedade brasileira. Para tanto, tenho utilizado, como proposta de trabalho, introduzir o diálogo referente à qualidade da utilização da mitologia dos Orixás presente na prática do Candomblé Ketu, como instrumento importante de construção intelectual e social, capaz de mostrar para os mais afastados desse conteúdo, que se declaram cristãos, de maneira lúdica, que a versão demonizada não é negra, mas branca e ocidental. Perspectiva orientada pela leitura proporcionada pelo campo de conhecimento das Ciências da Religião.

Assim, se, de fato, existe um problema real na busca por conteúdos referenciados na cultura negra africana e afro-brasileira, seguido pela limitação do entendimento desses conteúdos, a aplicabilidade dessas informações fica à deriva no mar de dúvidas que os rodeia, logo, chego à conclusão de que apresentar minha experiência prática na execução desses conteúdos tem um papel fundamental, por sua proposição e perspectiva na orientação de pessoas interessadas em qualificar seus discursos com uma proposta prática que pode gerar resultados positivos no desvelar de parte da ancestralidade negra brasileira, sob a ótica conceitual formulada por um profissional da área do Ensino religioso.

Fundamentação teórica

A base teórica que me orienta nesta escrita é feita a partir dos estudos realizados pelo psicanalista e pensador das relações raciais, o martinicano Frantz Fanon (2008, p.33), que nos orienta na percepção do entendimento sobre a ideia do desvio existencial, implementado sobre a identidade da pessoa negra dentro da construção do imaginário embranquecido da sociedade pós-colonialista e pós-escravagista, na qual o indivíduo negro vivencia estruturas sociais, psicológicas e econômicas readequadas à nova

⁵ GRIOT é o nome do grupo de Contadores de Histórias da Universidade do Estado do Pará.

perspectiva apresentada. Tal vivência não se aproxima da dignidade desses homens e mulheres arrancados de seu local de origem, que buscam sobreviver nessa nova realidade, imposta, historicamente, pelo colonizador europeu.

A leitura proposta por Fanon (2008) nos mostra um horizonte a respeito dos dilemas enfrentados pelo povo negro na construção de sua identidade a partir dos desafios e consequências do Pós-colonialismo que se estende até os dias atuais. Fanon (2008), ao fazer o que ele chama de “sociodiagnóstico”, revela que o apagamento da identidade do ser negro está na desvalorização dos símbolos referidos aos povos de origem africana, e que, ao serem ressignificados, leia-se menosprezados, não dão outra alternativa à pessoa negra a não ser buscar se parecer e se orientar pela maneira de ser e interpretar o mundo do seu opressor, a “branquitude”, ele diz (FANON, 2008, p. 83): “Todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana”. Segundo o autor, dar notoriedade e valor à maneira construída pelos povos negros em sua origem leva o homem e a mulher negros a valorizar sua humanidade, sua alma negra, a se reconhecer no mundo de maneira positiva.

Stuart Hall (2006, p. 22), em seu conceito de identidade, faz alusão ao conjunto de entendimento que uma pessoa ou um grupo constrói sobre si e apresenta a sua comunidade. Trata-se de uma narrativa construída a partir do presente e dos dilemas apresentados pelo indivíduo. Esse autor concebe as identidades como não unificadas e “constantemente em processo de mudança e transformação” (HALL, 2008, p. 108). Essa concepção de identidade, juntamente com as formulações de Fanon, são úteis na medida que permitem compreender como os descendentes de africanos negam a sua ancestralidade étnica e reconstroem o autorreconhecimento dentro da nova realidade na qual estão inseridos.

Meu trabalho como contador de histórias e professor de Ensino religioso visa, através da utilização dos mitos iorubanos, valorizar a cultura oriunda dos povos tradicionais, cultura e linguagem essas que revelam uma visão de mundo própria, saberes não reconhecidos ou invisibilizados pela cultura ocidental. Os mitos iorubanos, assim, presentes na tradição de Candomblé Kétu, nos devolvem uma linguagem que é negra, em que todos os arquétipos presentes são negros e a visão de mundo reflete a memória da cultura africana herdada na diáspora negra. Utilizar os mitos é dar um novo olhar à oralidade na qual eles foram construídos; é estabelecer diálogos sobre a diversidade cultural e, portanto, religiosa; é desenvolver maneiras outras de ver e interpretar o mundo.

Os mitos dos Orixás são, então, uma linguagem, que, devidamente trabalhada, é capaz de favorecer o olhar da pessoa negra sobre si, através de uma experiência emancipadora, em que o indivíduo toma conhecimento sobre o racismo existente na estrutura social ocidental por meio de práticas veladas ou não.

Por diversas vezes, pude ver, em momentos em que o tema era apresentado através das contações ou atividades de diálogo com a comunidade em ambiente escolar, manifestações nitidamente contrárias às reflexões direcionadas a esses conteúdos. Repetidamente, a versão impositiva de uma cultura sobre a outra foi acionada, à revelia da lei brasileira que garante na Constituição o direito à igualdade de culto, em seu artigo 5º no inciso VI.

Assim, o racismo religioso se configura quando os cultos de matriz africana são demonizados e agredidos por pessoas que se retiram dos espaços ou dizem que a cultura afro não apresenta valores, buscando por vezes impedir que tais conteúdos sejam trabalhados pelos docentes, ao afirmarem que a simples referência a eles fere a fé cristã, como se, por algum motivo, a idealizada superioridade cristã, por parte dessas pessoas, estivesse respaldada em algum preceito legal.

Pelo exposto, reitero, minha proposta é feita em primeira pessoa, porque discorre sobre a minha prática pessoal. Este artigo é o início de uma série de reflexões que farei sobre as vivências que tive e me possibilitaram chegar à maneira de ver e dialogar com saberes que me foram negados pela minha formação cristã. Eu, como muitos dos que terão acesso a este trabalho, tive uma formação orientada por uma interpretação das religiões de matriz africana, quase que impossível de ser acessada, e qual o motivo de tal afirmação? Muito simples, quem quer se aproximar de algo que é considerado do mal, que remete à ideia de demônio?

Utilizo-me, então, da autobiografia, enquanto metodologia de estudo, para mostrar como pessoas como eu, que tiveram uma construção social com princípios judaico-cristão, podem e devem se aproximar de saberes africanos para lapidar o olhar sobre si. Tendo em consideração que a imagem do homem e da mulher negros presente nesses textos favorece o engrandecimento da memória do povo negro, através de uma infinidade de perspectivas distintas, a minha fé não é atacada por não estar em desacordo com os princípios religiosos que sigo e, por trazer conhecimentos positivos de diversas matrizes, muitos, inclusive, reforçam práticas herdadas que nem saberia que estão fundamentadas em práticas de origem africana se não estudasse o tema.

O indispensável, dessa maneira, é apresentar àqueles que buscam conhecer tal mitologia a infinidade de referências valorativas das divindades negras, dentro de uma sociedade que valoriza tanto personagens com poderes sobre humanos, num universo

referencial que transita entre diferentes culturas globais e, por contexto de racismo estrutural, dá pouco ou quase nenhum espaço para que as simbologias negras sejam representadas. E por que afirmamos categoricamente que se trata de racismo? Tal afirmação está orientada pelo fato de que arquétipos divinos de muitas culturas são supervalorizados, como é o caso da cultura nórdica, grega e romana, ao passo que a cultura africana, que se referencia num universo simbólico muito maior, por se tratar de um continente com cinquenta e quatro países, ainda é pouquíssimo reconhecida.

Minha experiência, então, é repassada através da ideia de que a autobiografia (VERENA, 1991, p.66) favorece a escrita do trabalho ao dar vez à história pessoal, fundamentando a leitura sobre o tema a partir da vivência de quem escreve. Essa leitura busca abrir diálogo com o público, facilitando assim a assimilação de seus discursos e conceitos. Logo, o trabalho está enraizado na realidade vivida por quem acredita estar agindo com a finalidade de levar conteúdo de qualidade, pautado nas Ciências das Religiões, que auxiliam a construção de formas de perceber a realidade e educar, trazendo à tona saberes construídos pela ancestralidade negra, os quais foram inferiorizados e discriminados pelo racismo presente em nossa sociedade. A voz de quem fala, na escrita, é a voz de quem vive em busca de uma atuação profissional que precisa ser propagada para ajudar outros profissionais em suas experiências.

Os textos da base religiosa do Candomblé Ketu (VERGER, 1997, p. 05) são usados para referenciar os saberes mitológicos vivenciados até os dias atuais e podem orientar a uma maneira própria de ver e interpretar o mundo (SODRÉ, 2017, p.170), revelando saberes construídos por práticas vivas na religiosidade brasileira (PRANDI, 2005, p. 101) e que podem e devem ser aplicadas na prática educacional com a intenção de superar o racismo brasileiro (COSTA, 2009, p.61).

Dessa maneira, discutir prática educacional como algo extremamente importante na construção do olhar do indivíduo sobre si (FREIRE, 1987; LIMA, 2006) é buscar um educar emancipatório na construção de uma sociedade mais justa e fraterna. As ciências da religião, no que diz respeito à sua proposta educacional, segundo Passos (2007, p.98), indicam que:

A escola que ensina a ler o mundo, ensina, ao mesmo tempo, a atuar nele de maneira responsável e competente, sem o que a cidadania truncada e incompleta [...] a cidadania oferecida pela educação será verdadeira na medida de sua autonomia crítica e criativa, para fazer e refazer a sociedade. O profissional cidadão não é um mero executor técnico de padrões pré-estabelecidos pelo mercado, mas um sujeito capaz de agir em sociedade com consciência de si e do mundo e de sua missão enquanto parte de um todo.

É preciso ir além, mostrar ao educando que a história do povo negro está para além do colonialismo europeu e para muito além da diáspora negra vivenciada nesse período.

A pessoa negra não descende de escravos, de mão de obra dócil que se rendia à opressão branca, mas de povos que contribuíram e contribuem para história da humanidade. Somos descendentes de reis e rainhas, deuses e deusas, com uma ancestralidade rica e repleta de saberes profundos, por séculos desprezados pela imposição religiosa europeia, pelos povos ditos colonizadores, que expropriaram nossas referências negras sobre o discurso de superioridade branca.

Os conceitos de memória de Pollak (1989-2002) nos fazem compreender melhor a ideia de identidade a partir da memória oral que orienta a construção dos mitos africanos, fenômeno perpetuado na prática dos povos ancestrais e mantido na tradição religiosa candomblecista brasileira, em que o mito se personifica como referencial simbólico, permanentemente construído no imaginário dos praticantes da religião em meio a seus desafios e dilemas.

Praticantes que se mostram para o conjunto da sociedade como reflexo das experiências de quem vive e pratica uma cosmovisão atualizada do mito (WUNENBURGER, 1994, p. 53), dialogando com a ideia de como esse mito se origina, bem como sua função entre os indivíduos que se reconhecem nessa estrutura que se organiza sobre a experiência da fé.

Nesse sentido, em diálogo com Eliade (1972, p. 20), a dimensão estrutural da ideia do mito que orienta e organiza a partir das dinâmicas relacionais, nas dimensões sociais e com o divino existente na visão religiosa do culto, engendra essas dimensões existenciais.

Os mitos que orientam minhas práticas de contação de história nas aulas e eventos culturais estão na obra “Lendas Africanas dos Orixás” (VERGER, 1997). São 24 mitos que servirão de recurso e que refletirão temas relacionados: à identidade negra no Brasil; aos saberes pertinentes à cultura africana e afro-brasileira; e ao racismo religioso. O mito, assim compreendido, age como referência cultural que dialoga com outros arquétipos culturais religiosos (PRANDI, 2017), como resultado da diáspora negra no período dos ataques colonialistas europeus. Como proposta interpretativa busco:

- Apresentar como a experiência de conhecer os mitos de origem africana pode influenciar na vida e na prática educacional de profissionais de diversas áreas, partindo da experiência do proponente do projeto até vários profissionais de diversas áreas na pluralidade dos estados brasileiros.
- Apresentar através da autobiografia a construção de vida do proponente do trabalho como maneira de construir uma relação de identidade com o leitor através do exercício da memória de sua própria história.

- Falar sobre o processo de autoconhecimento para desvendar a realidade a partir de conceitos religiosos, antropológicos, educacionais e culturais na formação de uma identidade antirracista dentro da esfera religiosa e conseqüentemente social.
- Desenvolver uma reflexão sobre o diálogo existente entre os mitos sagrados na religião de matriz africana, no caso o Candomblé Ketu, e os diversos ambientes e componentes da educação básica, frente às experiências de contação de histórias desenvolvidas por mim.
- Estabelecer um diálogo entre as diversas manifestações religiosas brasileiras a partir da reflexão e diálogo entre suas estruturas mitológicas, enfatizando, principalmente, a relação existente com o cristianismo, por sua expressividade entre a maioria dos alunos.

Por último, faço uso do conceito de racismo religioso, segundo Nascimento (2016, p.15):

O que incomoda nas religiões de matrizes africanas são exatamente o caráter de que elas mantenham elementos africanos em sua constituição; e não apenas em rituais, mas no modo de organizar a vida, a política, a família, a economia etc. E como o histórico racista em nosso país continua, mesmo com o fim da escravidão, tudo o que seja marcado racialmente continua sendo perseguido. Por isso, penso que a expressão “intolerância religiosa” não é suficiente para entender o que acontece com as comunidades que vivem as religiões de matrizes africanas, pois não é apenas o caráter religioso que é recusado efetivamente nos ataques aos nossos templos e irmãos/os que vivem essas religiões. É exatamente esse modo de vida negro, que mesmo que seja vivenciado por pessoas não negras [...]. Não se trata de uma intolerância no sentido de uma recusa a tolerar a diferença marcada pela inferioridade ou discordância, como podem pensar algumas pessoas. O que está em jogo é exatamente um desrespeito em relação a uma maneira africana de viver.

Consequências da utilização dos mitos

Os textos referenciados na oralidade africana trarão luz para o entendimento do universo simbólico religioso e cultural, como parte da identidade do homem negro trazido de África, e servirão como base para construção da ideia aqui refletida de identidade, ancestralidade e racismo religioso. Esses textos utilizados em minha prática educacional levam ao conhecimento do alunado e outros públicos a literatura oral de matriz afro, revelando através de seus conteúdos o entendimento sobre a cultura negra. As reflexões aqui trazidas são um estudo breve, porém, dialogam com o reflexo social dos que produzem a realidade profissional, educacional e cultural do país, tendo em vista a diversidade possível de participação neste espaço.

Assim, as ideias aqui pautadas devem ser compreendidas dentro de um cenário maior, em meio a discursos referentes às potencialidades presentes nas reflexões realizadas sobre os mitos, para que educadores, assim, percebam as questões intrínsecas

ao mito, possíveis de orientar suas capacidades de qualificar a ideia do homem e da mulher negros na construção de uma identidade que valoriza o olhar sobre si.

Os mitos, em suma, devem ser vistos como capazes de produzir uma autoimagem para a população negra, em que ela se veja aquém da limitação colonialista, numa perspectiva germinadora da ideia de antirracismo e desconstrutivista do racismo religioso, impetrado sobre os símbolos religiosos presentes no Candomblé brasileiro e que compõem o imaginário simbólico descrito nos mitos.

A contação de histórias é apresentada como linguagem passível de ser usada didaticamente em distintas perspectivas, desde a educação em casa, entre crianças e seus responsáveis, até sua utilização em espetáculos ou sala de aula, mostrando que através da sua prática profissional, tanto como educador da disciplina de Ensino Religioso no sistema educacional do Estado do Pará ou como contador de histórias em suas práticas dentro do território nacional, a mitologia africana ao ser acessada pode favorecer uma leitura de mundo capaz de orientar uma visão antirracista do homem negro sobre suas referências ancestrais, bem como uma imagem que qualifique de maneira valorativa a imagem de identificação e referenciamento do homem e da mulher negros, além de combater o racismo estrutural presente em nossa sociedade.

A experiência profissional que apresento deve servir como exemplo metodológico e intelectual para outros profissionais que acessem esse conteúdo e que busquem um modelo para a aplicabilidade dos saberes mitológicos abordados pelas práticas que desenvolvo em minhas múltiplas vivências profissionais, seja como professor, seja como contador de histórias.

É imperativo trazer ao debate, à luz das Ciências da Religião, os símbolos presentes nos mitos africanos para um diálogo antirracista, em que o racismo religioso é pautado por uma análise histórica decolonial. Segundo Fanon (2007), os saberes existentes nas estruturas mitológicas analisadas recebem uma leitura não eurocêntrica, proporcionando um entendimento que valoriza a visão de mundo em suas dimensões literárias, culturais, de identificação com a memória do povo negro. Bem como a construção de um olhar sobre a identidade negra a partir de saberes ancestrais do homem negro sobre si mesmo, facilitando, assim, o acesso e o entendimento da mitologia de origem Iorubana, desconstruindo os medos, frutos do racismo religioso, presente em uma leitura judaico-cristã-americanizada predominante e refletida a partir da experiência de vida do autor.

Por fim

No século XXI, ainda somos tomados por notícias que revelam e denunciam práticas racistas em nosso país. O Brasil precisa entender como funciona e como combater o racismo, antes considerado velado, agora denunciado pelo entendimento e reconhecimento de suas existências nas estruturas sociais do nosso país, produzido por uma perspectiva eurocentrada. A partir da breve análise feita neste artigo, nascida da experiência pessoal, espero servir de referência para o entendimento maior sobre racismo e sobre a riqueza cultural africana e afrobrasileira e, assim, dar mais um passo em busca de uma educação antirracista, haja vista sermos fruto de um processo histórico de formação cultural complexo e carente de debates acerca de nossas identidades.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Literatura e Autobiografia: a questão do sujeito na narrativa.** Estudos Históricos 7: viagem e narrativa. Vol. 4, nº 7, PP 66-81, julho, 1991.

BRASIL. MEC. **Censo da educação superior** - Ministério da Educação (mec.gov.br).

COSTA, Keydson. **O Pensamento Africano no Ensino Religioso:** a epistemologia africana numa breve leitura sobre o candomblé iorubano. Trabalho de Conclusão de Curso, UEPA: 2009.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade.** São Paulo: Perspectivas, 1972.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** Lisboa: Ulisseia, 1965.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

FLOR, Wanderson. **O Fenômeno do Racismo Religioso: Desafios para os Povos Tradicionais de Matrizes Africanas.** In: Revista Eixo – Especial Educação, Negritude e Raça no Brasil. Brasília –DF, v.6, n.2, novembro de 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

LIMA, Mônica. **Como os tantãs na floresta: Reflexões sobre o ensino de história da África e dos africanos no Brasil.** In: Brandão, Ana Paula (coord.). Saberes e fazeres: modos de ver. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006, v. 1. (A cor da cultura).

POLLAK, Michael. **Estudos Históricos.** Janeiro, vol. 2. n. 3, 1989, p. 3 – 15.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. São Paulo: Vozes, 2017.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **Mytho-phorie**: formes et transformations du mythe. *Religiologiques*, no 10, Automne 1994, pp. 49-70.

SOBRE O AUTOR

Keydson Emanuel Garcia Costa Mestrando em Ciências da Religião (UEPA), graduado em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará. Atualmente é professor efetivo de Ensino Religioso da Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC). Arte educador, tem experiência na área de Filosofia. É contador de história há mais de 20 anos. E-mail: keydsonmanuel@gmail.com